



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

MURILO TÁRCIO DA SILVA AGOSTINHO

A FENOMENOLOGIA DAS ÁGUAS COMO SÍMBOLO DA ALMA

**GUARABIRA
2017**

MURILO TÁRCIO DA SILVA AGOSTINHO

A FENOMENOLOGIA DAS ÁGUAS COMO SÍMBOLO DA ALMA

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciado em Letras Habilitação em Língua Portuguesa. Área de concentração: Literatura, gênero e imaginário.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

GUARABIRA
2017

A275f Agostinho, Murilo Tarcio da Silva.
A fenomenologia das águas como símbolo da alma
[manuscrito] : / Murilo Tarcio da Silva Agostinho. - 2017.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Água . 2. Símbolo. 3. Mulher.

21. ed. CDD 305.4

MURILO TÁRCIO DA SILVA AGOSTINHO

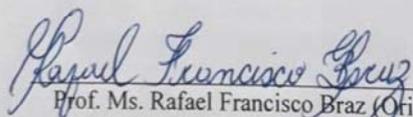
A FENOMENOLOGIA DAS ÁGUAS COMO SÍMBOLO DA ALMA

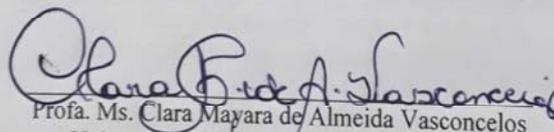
Artigo, apresentada ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciado em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

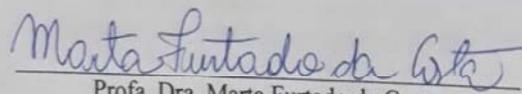
Área de concentração: Literatura, Gênero e Imaginário

Aprovada em: 04 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Marta Furtado da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Primeiramente, a Deus e, depois, a minha família,
pelo companheirismo e em especial à minha mãe,
Marinêz Sena, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Sob a pureza das águas claras e mansas agradeço, em primeira instância, a DEUS. Ele que é mais que a parte, Ele é o todo em minha vida e que, especialmente, colocou pessoas tão especiais a meu lado, sem as quais com certeza não imaginava um dia conhecer.

Aos meus queridos pais, Antônio Agostinho e Marinêz Sena, meu infinito e incólume agradecimento. Sempre acreditaram em minha capacidade e me acharam o melhor de todos, mesmo sabendo que não. Isso só me encorajou e me fez tentar, não ser o primeiro, mas a fazer o melhor de mim, sempre que pude. Agradecido pelo amor ilimitado.

Ao meu irmão, Mailson Túlio, meu agradecimento, pois, a seu modo, costumava sempre me perguntar quando concluía o curso. Finalmente, fechei o cadeado. Obrigado pela atenção estendida.

Aos meus estimados amigos (quase irmãos), José Rogério e Jaqueline Ambrósio, por serem tão importantes na minha vida, ainda mais por todos esses anos de convivência na graduação. Sempre a meu lado, me colocando para cima e me fazendo acreditar, apesar de qualquer adversidade, que posso mais que imagino. Obrigado por ter feito do meu sonho o nosso sonho!

Ao meu amigo, Fábio Garcia, que, nos últimos dias, esteve tão próximo de mim, que foi tão presente, no desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso e que, agora, me inspira a querer ser mais que fui até hoje. Obrigado pela compreensão e por me entender nos momentos de ausência.

Aos amigos, que ganhei da universidade, em especial, Roberta Dias, Vanuza Pacífico, Kelly Kris, e aos demais pela amizade e contribuição para meu crescimento pessoal e acadêmico. Obrigado!

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), de modo geral, que acreditaram em meu potencial de uma forma que eu, muitas vezes, não acreditava ser capaz de corresponder. Sempre disponíveis e dispostos a ajudar, querendo que eu aproveitasse cada segundo dentro da graduação para elevar meus conhecimentos. Seja para a vida pessoal, seja para a vida acadêmica.

Ao meu mestre e querido orientador, Rafael Francisco Braz, primeiro, por ter me aceitado a orientar; segundo, por me enxergar que há mais que mero pesquisador e resultados por trás de um trabalho de conclusão de curso, mas vida humana. Você não foi, unicamente, orientador, mas, em vários momentos, conselheiro, confidente e uma pessoa, cujo posso

chamar, verdadeiramente, de amigo. Você foi e continua sendo referência profissional e pessoal, para meu crescimento. Obrigado por estar a meu lado e acreditar tanto em mim. Você é prova viva, que a vitória chega, para aqueles que buscam, que tem planos e metas firmes a se conquistar.

Finalmente, gostaria de agradecer, também, à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por tão bem me receber e que eu pudesse realizar este sonho, o grau de licenciado em Letras. Proporcionou mais que a incansável busca por conhecimento acadêmico e científico, mas ao mesmo tempo, uma prazerosa e encorajadora genuinamente lição de vida. Saio ainda mais convicto que, ninguém vence sozinho...

Obrigado a cada um e a todos!

“O mar, a mais ininteligível das existências
não humanas”

Clarice Lispector

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O UNIVERSO LITERÁRIO DE CLARICE LISPECTOR	12
3	DA IMAGEM POÉTICA AO SÍMBOLO.....	14
4	A INTERPRETAÇÃO DA IMAGEM POÉTICA NO CONTO “AS ÁGUAS DO MAR”.....	17
5	CONCLUSÃO	22
	REFERÊNCIAS	24

A FENOMENOLOGIA DAS ÁGUAS COMO SÍMBOLO DA ALMA

Murilo Tércio da Silva Agostinho*

RESUMO

O pensamento simbólico é uma presença oculta em rituais, imagens, artes, pois o símbolo tem uma universalidade contida numa premissa simples: a união do espírito com a matéria, é a maneira encontrada para transmitir um conhecimento que reúne o dito com o subentendido, o secular com o transcendente, mas de modo peculiar. O símbolo esconde algo. É preciso uma interpretação atenta para decodificá-lo. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar a imagem simbólica da água no conto “As águas do mar”, escrito por Clarice Lispector e presente na coletânea “Onde estiveste de noite?”. A interpretação dar-se-á a partir das imagens simbólicas geradas pelo texto de Lispector é interpretada pelo prisma fenomenológica, fundamentada em Bachelard (2008) e nos conceitos de símbolo foram feitos pelas leituras das obras de Chevalier e Gheerbrant (2009), Cirlot (2005) e Girard (2005). A análise do conto “As águas do mar” permitiu extrair imagens simbólicas a partir de um instante na vida da mulher protagonista. A presença de elemento hídrico no título e no texto é essencial para compreensão do enredo. A água é elemento do passado, presente e futuro da personagem. Ela adquire símbolo de renovação e renascimento concomitante ao de incerteza e, assim, a mudança de perspectiva na personagem indica o surgimento de uma visão positiva da vida e novas experiências. A ideia de purificação após se banhar permeia o conto e indica forte influência religiosa e histórica.

Palavras-chave: Água. Símbolo. Mulher.

1 INTRODUÇÃO

O símbolo é um elemento de representação de arquétipo visível em lugar de uma visão oculta expressa em conceito. Em todo processo comunicacional há símbolos. “Será difícil encontrar alguma esfera do espírito humano em que a palavra símbolo não tenha sido aplicada, seja na mitologia, na filosofia, na arte, na técnica, na medicina ou na psicologia e atualmente se transformou até mesmo quase em palavra de moda”. (JACOBI, 1995, p. 76)

A linguagem e o símbolo ajudam na comunicação, mas há diferenças conceituais entre ambos. Enquanto este abre maiores possibilidades de entendimento, aquele é mais restritivo.

O símbolo evoca a intuição; a linguagem sabe apenas explicar... O símbolo estende as suas raízes até o fundo mais recôndito da alma; a linguagem roça, como uma brisa leve, a superfície da compreensão... Só o símbolo consegue unir o mais diversificado

* Aluno de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: murilotarcio@hotmail.com

no sentido de uma única impressão global... As palavras fazem o infinito finito, os símbolos arrebatam o espírito para além dos limites do finito e mortal até o ser infinito. Eles estimulam intuições, são signos do inefável... (JACOBI *apud* BACHOFES, 1995, p. 75)

O pensamento simbólico é uma presença oculta em rituais, imagens, artes, pois o símbolo tem uma universalidade contida numa premissa simples: a união do espírito com a matéria, é a maneira encontrada para transmitir um conhecimento que reúne o dito com o subentendido, o secular com o transcendente, mas de modo peculiar. O símbolo esconde algo. É preciso uma interpretação atenta para decodificá-lo.

A simbologia parte do pressuposto de que o mundo que se possa tocar não é o único que existe na realidade e que existem coisas abstratas e imateriais. Por isso, o símbolo é uma realidade tanto física como espiritual, capaz de ser a união destas duas interpretações. “É necessário que uma causa sentimental, uma causa do coração se torne uma causa formal para que a obra tenha a do verbo, a vida cambiante da luz” (BACHELARD, 2013, p. 1-2)

Encontrar o mundo metafísico e relacioná-lo com o mundo físico é tarefa da simbologia, pois o símbolo é a união de duas partes separadas e cada elemento tem um valor por si, mas agrupados adquirem um novo entendimento. Este processo de junção é primordial para que o símbolo encontre refúgio nas criações artísticas e/ou ritualísticas. Conforme Chevalier Gheerbrant *apud* Jung, o símbolo é a imagem perfeita para representar a “natureza obscura pressentida do Espírito” (2009, p. XXII). A palavra “espírito” é entendida aqui, segunda a definição de Jung, como “as produções religiosas e éticas, criadoras e estéticas do homem” (2009, p. XXII).

Os símbolos são essenciais na construção da imagem poética. Para Bachelard (2008), minimiza a contribuição da psicologia ao dizer que a imagem poética não é um resquício do passado, mas algo com significado no presente. Segundo o autor, as explicações de profissionais como psicólogos e psiquiatras não são dotadas da comunicabilidade que uma imagem tem, capaz de expressar o fator surpresa da nova imagem poética, uma vez que prioriza a arte pela arte.

As expressões artísticas são produzidas pela imaginação e ornamentadas com novas imagens poéticas. Um tema recorrente da arte é também um importante agente de sobrevivência. A água e a humanidade são parceiras de longa data. É uma relação que monta à Antiguidade, com o homem primitivo buscando se estabelecer em locais com abundantes recursos naturais, passando por civilizações nascendo a partir de concentrações hídricas e desembocando na fase atual, com água encanada nas residências. Pelo alto grau de dependência

e importância que temos da água, a literatura utilizou-a como um símbolo fundamental, representada como elemento vital, desejo, mistério, tempo e purificação.

O filósofo grego Heráclito chamou a atenção para a importância da água ao afirmar que “nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio... pois na segunda vez o rio já não é o mesmo, nem tão pouco o homem” (HERÁCLITO, 1996, p. 2). A sentença é famosa até hoje. Shakespeare insere o símbolo da água para pensar sobre a vida, conforme o autor. “as *águas* correm mansamente onde o leito é mais profundo” e “o mau comportamento dos homens vive no bronze; as suas virtudes, / nós as escrevemos sobre *a água*” (SHAKESPEARE, 2008, p. 393). A partir disso urge perguntar: qual o papel simbólico tem a água na literatura brasileira?

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar a imagem simbólica da água no conto “As águas do mar”, escrito por Clarice Lispector e presente na coletânea “Onde estiveste de noite?”. A escolha pela autora recaiu no fato de sua escrita contar com elementos simbólicos que desencadeiam novas experiências nos personagens e ressoam instantaneamente nos leitores, permitindo a estes reavaliar escolhas e aspectos da vida.

Como metodologia de trabalhar, optou-se por uma pesquisa de cunho bibliográfico e analítico. A interpretação dar-se-á a partir das imagens simbólicas geradas pelo texto de Lispector é interpretada pelo prisma fenomenológico, fundamentada em Bachelard (2008) e nos conceitos de símbolo foi feitos pelas leituras das obras de Chevalier e Gheerbrant (2009), Cirlot (2005) e Girard (2005).

O presente artigo está dividido em três capítulos. No primeiro deles, a saber “O universo literário de Clarice Lispector”, o leitor tem contato com uma biografia da autora, a importância dela para a literatura brasileira, suas obras e quais as características fundamentais de sua escrita. Dá-se prosseguimento com uma breve contextualização da corrente literária a que os estudiosos inserem Lispector.

“Da imagem poética ao símbolo” é a segunda sessão que nele está conceitos e definições de imagem simbólica e poética usados durante todo o trabalho de conclusão de curso. Por fim, o tópico “A interpretação da imagem poética no conto “As Águas do Mar”, conjuga teoria e prática das considerações dos autores acadêmicos com análise própria do texto escolhido na obra de Lispector.

2 O UNIVERSO LITERÁRIO DE CLARICE LISPECTOR

Clarice Lispector é uma escritora imprescindível para entender a literatura brasileira do século XX. Clarice ultrapassa, como poucos expoentes literários, as fronteiras acadêmicas. Ela

ganha releitura nas redes sociais, com citações – nem sempre verídicas –, e memes. As postagens priorizam frases intimistas, introspectivas e com densidade psicológica, estilos predominantes em suas obras literárias.

Ela é ucraniana e nasceu em 1920. Pouco depois, a família judia Lispector estava sem econômicas em consequência da perseguição durante a Guerra Civil Russa e foi obrigada a imigrar. A família mudou-se para o Brasil - Maceió, em 1922, e pouco depois para o Recife. Na capital pernambucana, Clarice ficou até os quatorze anos, quando foi para o Rio de Janeiro, onde o clã se estabilizou.

Em 1939, ela ingressa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde cursa Direito, e forma-se em 1943. Antes, em 1940, Clarice publica “Triunfo”, na revista “Pan”. Este é seu primeiro conto e narra, a partir dos fluxos de pensamentos da personagem, uma mulher abandonada pelo marido. Lispector, também, traduz textos acadêmicos para revistas e clássicos da literatura mundial para editoras, foi redatora da Agência Nacional e trabalhou como jornalista no diário “A Noite”.

Em 1943, aos 24 anos, ela casa-se com o diplomata Maury Gurgel Valente e vai, em 1944, para uma temporada no exterior. O casal teve dois filhos, Pedro e Paulo. Reclusa, Clarice encontra consolo na literatura. Ainda em 1943, ela estreia com o romance “Perto do Coração Selvagem”. Sucesso de crítica, no ano seguinte, o livro ganha o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras.

Após a separação do marido, ela retorna ao Brasil. Lança, em 1964, “A Paixão Segundo G.H”, romance considerado um marco na literatura brasileira. Em 1966, sobreviveu a um incêndio enquanto dormia, provocado por um cigarro aceso. Clarice ficou gravemente ferida e esteve três dias em coma. Após esse episódio, ela entrou em longa depressão. Clarice Lispector morreu em decorrência de um câncer no ovário, no Rio de Janeiro, em 1977.

Como legado, deixa uma importante obra literária. De forma geral, o estilo de Clarice centra-se em um mergulho psicológico. Sua narrativa questiona a existência. Sarmiento e Tufano (2004) definem como “uma literatura introspectiva, que sonda o interior do ser humano para relevar suas dúvidas e inquietações”. Para exteriorizar os sentimentos dos personagens, a autora faz uso do fluxo de consciência, técnica literária em que o raciocínio lógico é intercalado com impressões pessoais.

Nos romances de Clarice Lispector, a perspectiva principal não é o desenvolvimento da trama, mas a maneira como os fatos repercutem sobre os personagens e qual será o fluxo de consciência gerado. As obras publicadas neste gênero são: “Perto do coração selvagem” (1943), “O lustre” (1946), “A cidade sitiada” (1949), “A maçã no escuro” (1961), “A paixão segundo

G. H.” (1964), “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” (1969), “Água viva” (1973) e “Um sopro de vida” (1978).

Já nos contos, Clarice aborda a fragilidade e a solidão em “Laços de família” (1960), “A legião estrangeira” (1964), “Felicidade clandestina” (1971), “Onde estiveste de noite?” (1974), “A via crucis do corpo” (1974), “O ovo e a galinha” (1977) e “A bela e a fera” (1979).

Clarice também escreveu a novela “A Hora da Estrela” (1977). O livro foi adaptado para o cinema pela diretora Suzana Amaral e contou com atuações de Marcélia Cartaxo, José Dumont, Fernanda Montenegro, Tamara Taxman, Umberto Magnani e Denoy de Oliveira.

Sua obra também inclui estórias infantis, como “O mistério do coelho pensante” (1967), “A mulher que matou os peixes” (1968), “A vida íntima de Laura” (1974), “Quase de verdade” (1978) e “Como nasceram as estrelas” (1987); e no gênero crônica escreveu “Para não esquecer” (1978) e “A descoberta do mundo” (1984).

Seu trabalho como tradutora inclui a versão brasileira de “O Retrato de Dorian Gray”, “Tom Jones”, “O Talismã”, “Chamado Selvagem”, “A Ilha Misteriosa” e “As viagens de Gulliver”.

Postumamente, Clarice teve alguns escritos reunidos em coletâneas. É o caso das cartas reunidas em “Correspondências” (2002) e “Minhas queridas” (2007) e artigos de jornais em “Outros Escritos” (2005), “Correio Feminino” (2006) e “Só para mulheres” (2006). Em 2007, algumas entrevistas dela foram lançadas em livro.

Clarice Lispector é classificada como parte da terceira geração do pós-modernismo brasileiro no gênero prosa. Ela figura ao lado de autores como Lygia Fagundes Teles, Autran Dourado, Raduan Nassar, Nélida Pinõn, Osman Lins, Rubem Fonseca, entre outros. Basicamente, o pós-modernismo brasileiro destes autores é de fundo intimista, marcado pela análise psicológica dos personagens. Em maior ou menor grau, as tensões entre os personagens e os ambientes habitados por eles são descritas em uma linguagem forte e objetiva.

3. DA IMAGEM POÉTICA AO SÍMBOLO

Uma das características da literatura de Clarice Lispector é o realce à interiorização dos personagens. O fluxo de consciência invoca o passado, emana da psique e, ao se transpor os sentimentos, mistura presente e futuro. O leitor se identifica de forma catártica, o que é definido por Bachelard (2008, p. 7) como “ressonância-repercussão”, o momento em que o leitor sente-se descrito e aciona os mesmos mecanismos psicológicos da escrita.

Essa imagem que a leitura do poema nos oferece torna-se realmente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. Nós a recebemos, mas sentimos a impressão de que teríamos podido cria-la, de que deveríamos tê-la criado. A imagem torna-se um novo da nossa linguagem, expressa-nos tornando-nos aquilo que ela expressa – noutras palavras, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser. Aqui, a expressão cria o ser. (BACHELARD, 2008, p. 7-8)

As obras de Clarice Lispector caminham artisticamente na direção das leituras postas pelo fenomenologista de Gaston Bachelard. Valendo-se da fenomenologia, o autor apresenta o conceito de imagem poética. Ele considera o início da imagem como uma consciência individual e de grande repercussão psíquica.

A imagem poética não é uma metáfora, pois instantânea, pois o autor acessa o imaginário interior dele e dispõe no texto. O leitor recebe a imagem e entra em contato, de maneira dinâmica, com o inconsciente do autor através de sua própria “luz interior” (BACHELARD, 2008, p., 5). A imagem poética evolui no receptor.

Dito de maneira mais simples, trata-se aqui de uma impressão bastante conhecida de todo leitor apaixonado por poemas: o poema nos toma por inteiro. Essa invasão do ser pela poesia tem uma marca fenomenológica que não engana. [...] Para percebermos a ação psicológica de um poema, teremos pois de seguir dois eixos de análise fenomenológica: um que leva às exuberâncias do espírito, outro que conduz às profundezas da alma. (BACHELARD, 2008, 7-8)

A imagem poética atua com a dualidade real/irreal e espírito/alma, a saber: a ressignificação por parte do leitor. Quando um texto literário é lido, a imagem arquitetada a partir dele assume um significado em si mesma, no tempo atual e de múltiplos signos em quem leu. Dado o caráter de “súbito realce do psiquismo” (BACHELARD, 2008, p., p. 1), o leitor é convidado a sair dos seus automatismos da vida concreta (real/espírito) e perceber a imaginação (irreal/alma) emergindo na consciência como um substrato do texto, evocado e repercutido.

A imagem poética é um modo indireto disposto pelo consciente para encenar o mundo. A linguagem simbólica ajuda nesta representação, pois é de reconhecimento social imediato. Conforme Girard (2005, p., 26), “o símbolo implica, primeiramente, uma dualidade; depois, uma unificação: junto duas coisas, formando uma só; chego ao denominador comum de duas coisas, comparando-as” sem perder a individualidade.

Quando usados por ciências exatas pertencem à 4ª classe e são enunciados facilmente, como símbolos químicos. São símbolos de 3ª classe emblemas convencionais marcados por função análoga, como bandeiras pátrias, por serem representações de realidade. Símbolos de 2ª classe são profundos, expressivos e ligados à religião, como a hóstia transubstanciada em divindade. Na 1ª classe, os símbolos são imaginativos, mais abstratos e ligados à vivência.

Os símbolos oníricos revelam, entre outras coisas, aspirações profundas, pulsões reprimidas, resíduos de experiência que valorizam ou ferem, e até destroem [...], alguns elementos simbólicos abrem para nós o mundo do divino, outros, o mundo obscuro das forças do mal, outros ainda, a dimensão mais sutil e mais enigmática do espírito humano; mais de um número simbólico serve para a expressão da ideia (tão pouco empírica!) de totalidade. (GIRARD, 2005, 31-32)

Os símbolos de primeira classe aproximam-se com facilidade do estilo literário de Clarice Lispector. “Aspirações profundas” e “resíduos de experiência que valorizam ou ferem”, por exemplo, são latentes em seus livros. Os símbolos, ao sobrevir como progresso de identificação imediata, provocam no leitor a erupção de uma realidade complexa, definida por Girard como “re-constituída” (p. 43) e comum à experiência humana, sendo assim, universal.

Cirlot (2005) amplia o escopo ao debater o simbolismo. O autor afirma não existir uma dualidade de ideias ou crenças nos símbolos, mas que ambos os conceitos estão interligados, portanto somatórios e não excludentes. Esta justaposição dá-se pela alegoria, que segundo o autor, insere ainda mais o símbolo na realidade, pois ajunta fenômenos religiosos e históricos, que pensava-se anteriormente insociáveis, mas simbolicamente agregados acabam intensificados.

[...] ‘Como poderia manter-se uma lenda e perpetuar-se se cada geração não tivesse ‘razões ‘íntimas’ para crer?’ A significação simbolista de um fenômeno tende a facilitar a explicação dessas razões misteriosas, porque liga o instrumental ao espiritual, o humano ao cósmico, o casual ou causal, o desordenado ao ordenado; porque justifica um vocábulo como universo, sem que essa integração superior careceria de sentido, desmembrado em pluralismo caótico e porque lembra em tudo o transcendente. (CIRLOT, 2005, 8-9)

A simbologia está presente na história humana de forma contínua, sendo uma tradição coletiva e/ou particular e progredindo no tempo-espço. A simbologia oriental, marcadamente maniqueísta e carregada de dramaticismo, auxiliava na explicação do mundo daquele povo, ao passo que os símbolos do ocidente, advindos dos elementos cristãos, representou a ideia de construção de uma nova identidade. Já o simbolismo onírico revela uma expressão individual e as aspirações profundas do ser humano.

O caminho acadêmico traçado até aqui situa os símbolos em campo filosófico. Inserindo Chevalier e Gheerbrant (2009, p., XII), aponta-se agora a influência da simbologia no cotidiano. Mesmo sem perceber, “todas as ciências do homem e todas as artes, bem como as técnicas que delas procedem, deparam-se com símbolos em seu caminho [...] Seria pouco dizer que vivemos num mundo de símbolos – um mundo de símbolos vive em nós”

Deve-se essa aceitação, em grande parte, às antecipações da ficção que a ciência comprava pouco a pouco, aos efeitos da dominação atual da imagem que os sociólogos estão tentando medir, às interpretações modernas dos mitos antigos e ao nascimento de mitos modernos [...]. Os símbolos estão no centro, constituem o cerne dessa vida imaginativa. Revelam os

segredos do inconsciente, conduzem às mais recônditas molas da ação, abrem o espírito para o desconhecido e o infinito. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, XII)

A contextualização feita por Chevalier e Gheerbrant (2009) deixa evidente que uma das funções exercidas pelos símbolos é servir como elo entre um pensamento racional e a atividade subconsciente, junção que ecoa por todas as atividades humanas. Na literatura delicada e complexa de Clarice Lispector, as relações múltiplas de consciente e inconsciente como simbologia assumem caráter coletivo e universal e têm uma função transformadora, emergindo o ego e processos psíquicos.

4 A INTERPRETAÇÃO DA IMAGEM POÉTICA NO CONTO “AS ÁGUAS DO MAR”

Publicado pela primeira vez em 1974, “Onde estiveste de noite?” é a reunião de 17 contos emocionais, trágicos e cômicos, concomitantemente. O cotidiano é retratado de forma banal, em que as aflições e dores do dia-a-dia vão sendo apresentados por uma narratividade adjetivada por descrições melancólicas, caóticas, detalhes surreais e com carga de humor.

É comum que o público leigo fazer uma distinção entre romance e conto apenas ao somar número de páginas e classificar o texto com menos escritura como sendo da alçada do conto. Contudo, este gênero possui características singulares, como a ficcionalidade própria, com a inserção de um número escasso de personagens; a narratividade de acontecimentos que descrevem um curto período temporal; a brevidade das ações, que não trazem complicações para o enredo; espaço e tempo são dispensáveis na narrativa; e a condensação, haja visto que a estória apresenta apenas um clímax. Goulart (2003), citando Goyanes, continua a elencar diferenças e define o conto como

um precioso gênero literário que serve pra expressar um tipo especial de emoção, de signo muito semelhante à poesia, mas que não sendo apropriada para ser exposta poeticamente, encarna uma narrativa próxima à da novela, mas diferente desta pela técnica e intenção. (*tradução livre do autor desta pesquisa* GOYANES, *apud* GOULART, 2003, p. 11).

Júlio Cortázar segue para outro véis da análise. Para o famoso escritor, a definição de conto deve centrar-se na relação com o leitor.

Cada vez que eu reviso a tradução de um dos meus relatos (ou tento com outros autores, como aconteceu alguma vez com Poe) sinto até que ponto a eficácia e o sentido do conto dependia destes valores que dão caráter específico ao poema e também ao jazz: a tensão, essa liberdade fatal que não admite alteração sem uma perda irreparável. (*tradução livre do autor desta pesquisa*-CORTÁZAR, *apud* GOULART, 2003, p. 8-9).

Cortázar é um grande expoente dos contos na literatura argentina. O Brasil também abarca muitos escritores que podem ser classificados como contistas. A saber: Machado de Assis, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, Cora Coralina, Luis Fernando Veríssimo. E Clarice Lispector.

Ela é uma escritora versátil e tem uma vasta produção literária, que abrange campos distintos, como a novela “A Hora da Estrela” e, até mesmo, a estória infantil “O Mistério do Coelho Pensante”. Sua marca autoral é muito ligada ao romance devido ao sucesso de público e crítica dos livros “A Paixão Segundo G. H” e “Perto do Coração Selvagem”. Contudo, ela publicou também sete coletâneas de textos do gênero conto. Este trabalho irá concentrar a análise em um dos textos reunidos em “Onde Estiveste de Noite?”.

O objetivo deste trabalho é analisar a imagem simbólica do mar no conto de Clarice Lispector. Da leitura de “Onde Estiveste de Noite?”, pode-se selecionar “O Relógio da Coisa”, “O Morto no Mar da Urca”, “Tanta Mansidão”, “As Águas do Mar” e “Vida ao Natural”. Todos os contos apresentam a imagem poética das águas.

O conto “As Águas do Mar” narra o momento em que uma mulher interage com o mar. Não é apenas um mergulho ou um banho. Ultrapassa esse limite, pois Clarice Lispector confere ao ato certo fascínio pelo desconhecido e um ritual de mudança ao narrar as sensações que a personagem interiorizou antes de entrar no mar, durante o encontro com a água e quando a mulher volta para a praia. Entende-se que o mar permite à mulher conhecer a natureza humana.

O encontro mulher/mar é retratado seguindo o comportamento afetivo. No início, temos a sedução, com a expectativa de que a “[...] entrega de dois mundos incognoscíveis [...]” se dará em breve. No encontro, o corpo humano “[...] se consola com sua própria exiguidade em relação à vastidão do mar [...]”. Por fim, o momento de transformação, quando “[...] o mar por dentro como o líquido espesso de um homem [...]” resulta na mudança da mulher, agora sem os medos do passado. (LISPECTOR, 1999, p. 88-90)

A imagem que o mar adquire no conto é simbólica, pois para Bachelard (2008), pode-se classificá-la como imagem poética, pois está no imaginário ficcional. O texto de Lispector começa pelo título com uma fenomenologia da imaginação. O leitor, quando entra em contato com o título, pode-se estranhar o uso do plural em “águas”.

O texto menciona que “são seis da manhã [...] com a praia vazia nessa hora da manhã, ela não tem o exemplo de outros humanos que transformam a entrada no mar em simples jogo leviano de viver [...]”. “[...] Só um cão livre hesita na praia [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 88-

90). A justificativa do plural é explicada pelo modo como cada frequentador vive o momento do banho de mar.

Lispector usa o plural como produto da alma. Ao fazer analogia com as concentrações de água (rios, lagos, mares...) que compõem um grande volume hídrico, a autora remete o leitor para momentos da vida da personagem, fases incômodas e desconcertantes, que vão desaguar em uma nova composição. Fica claro que a mulher retratada é a soma de uma vida inteira e não apenas um trecho específico. Mesmo que estas fases não sejam mencionadas, agem como “ressonância-repercussão” (BACHELARD, 2013, p. 7). Quem lê o conto enquadra, na personagem, a própria vida. Essa “simples imagem não deixa de ter grande repercussão psíquica” (BACHELARD, 2013, p. 3).

Para Bachelard (2013, p., 1), “o ato poético não tem passado, pelo menos um passo próximo ao longo do qual pudéssemos acompanhar sua preparação ou advento”. Uma das características do gênero conto é narrar um instante breve e Lispector, não há acontecimentos anteriores para marcar a personalidade. A personagem sequer tem mencionados nome, ocupação profissional, parentesco, vida social ou vivências. Ela é mencionada apenas por pronomes e substantivos.

Quem terá sido esta mulher? Quem é esta mulher? Qual momento essencial da vida dela? Qual sua biografia? Por quais problemas passa? Será casada? Solteira? Tem filhos? Animal de estimação? Não sabemos. Clarice Lispector opta por não revelar. Entra, então, a participação fundamental do leitor ao inserindo as lacunas a partir de sus próprias vivências anteriores.

Bachelard (2013, p. 2), a imagem poética “é o eco de um passado. É antes o inverso com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer” Este trecho nos remete ao final do conto. A personagem “[...] mesmo que o esqueça daqui a uns minutos, nunca poderá perder tudo isso [...]”. O modo como o banho de mar muda intrinsecamente a personagem não é explícito, mas sabe-se que emerge uma nova perspectiva a partir dele. A entrada na água não é “simples jogo leviano de viver (...)” (LISPECTOR, 1999, p. 88-90). O uso do advérbio “nunca” para exprimir tempo aproxima da ideia de Bachelard de ato ilimitado.

A purificação por meio da água é um tema universal conforme explica Girard (2005), o símbolo é assimilado instantaneamente usando a categorização do autor, é possível classificar o conto de Lispector como sendo um símbolo de 1ª classe. Alguns elementos ajudam na explicação. Através de trechos pinçados do texto, pode-se enquadrá-los de acordo com as explicações de Girard:

a) “aspirações profundas”:

[...] a mulher hesita porque vai entrar [...]”; “[...] seu corpo se consola com sua própria exiguidade em relação à vastidão do mar [...]”; “[...] sua coragem é a de, não se conhecendo, no entanto, prosseguir. É fatal não se conhecer, e não conhecer exige coragem [...]”; “[...] ela é a amante que sabe que terá tudo de novo [...]” (LISPECTOR, Clarice, 1999, p. 88-90)

b) “pulsões reprimidas”:

[...] só poderia haver um encontro se um se entregasse ao outro [...]”; “[...] o caminho lento aumenta sua coragem secreta [...]”; “[...] já não precisa da coragem, agora, já é antiga no ritual [...]” (LISPECTOR, Clarice, 1999, p. 88-90)

c) “resíduos de experiência que valorizam ou ferem, e até destroem”:

[...] a mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem [...]”; “[...] nessa hora ela se conhece menos ainda do que conhece o mar [...]”; “[...] mas uma alegria fatal – a alegria é uma fatalidade – já a tomou, embora nem lhe ocorra sorrir. Pelo contrário, está muito séria [...]”; “[...] a mulher é agora uma compacta e uma leve e uma aguda – e abre caminho na gelidez que, líquida, se opõe a ela, e, no entanto, a deixa entrar, como no amor em que a oposição pode ser um pedido [...]”; “[...] com a concha das mãos faz o que sempre fez no mar, e com a altivez dos que nunca darão explicação nem a eles mesmos [...]”; “[...] e era isso o que lhe estava faltando: o mar por dentro como o líquido espesso de um homem. Agora ela está toda igual a si mesma [...]”; “[...] as ondas suaves lhe batem e voltam pois ela é um anteparo compacto [...]”; “[...] está cada vez menos sôfrega e menos aguda. Agora sabe o que quer [...]”; “[...] a mulher não recebe transmissões. Não precisa de comunicação [...]”; “[...] Mesmo que o esqueça daqui a uns minutos, nunca poderá perder tudo isso [...]”; “[...] porque sabe – sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano [...]” (LISPECTOR, Clarice, 1999, p. 88-90)

Pelo volume de citações inseridas no último verbete, fica evidente que o conto opta por apresentar uma purificação a partir da água. A personagem inicia o banho de mar “[...] não se conhecendo [...]” e finaliza sendo “[...] a amante que sabe que terá tudo de novo [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 88-90). A água representa uma morte e renascimento simbólicos, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009),

As águas, massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contêm todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se, de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova; fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência” (CHEVALIER E GHEERBANT, 2009, p. XX).

A interligação de água/nova vida dá-se por ideias sobrepostas, uma mistura de elementos históricos e religiosos, “uma analogia entre o mundo visível e o invisível” (CIRLOT, 2005, p. 17). Historicamente, a água foi vital para a vida na Terra. Ao longo dos séculos, a humanidade desenvolveu tecnologias, modernas e rudimentares, para encontrar, tratar, distribuir, armazenar, irrigar e manejar água, o que possibilitou o uso da agricultura para abastecimento e subsistência.

Civilizações foram iniciadas a partir de recursos hídricos, como a egípcia e a indiana. O uso dos grandes rios como meio de transporte deu novo impulso às conquistas de territórios. Cidades como Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo nasceram a partir da exploração marítima.

A relação da personagem com o mar é ocupada por uma questão afetiva, como Lispector deixa claro ao relatar, logo no segundo parágrafo, que a mulher e o mar irão se entregar “[...] com confiança [...]” (CLARICE, 1999, p. 89). Mas, toda a herança histórica de uma relação de conquista com o mar também está presente.

A contemporaneidade deste discurso dá-se como a presença de uma memória, em que o discurso é substrato do local ocupado no espaço de legitimação. O imaginário é ordenado e atualizado, ao passo que linguagem é cercada de sentidos e identidades. No conto, Clarice Lispector (1999), e por consequência, a personagem, mantém omitidos o passado e motivações. Mas resquícios de uma memória podem ser entendidos em passagens como “[...] nessa hora, ela se conhece menos ainda do que conhece o mar [...]”, “[...] é fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem [...]” e “[...] desperta de seus mais adormecidos sonos seculares [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 88-90)

A personagem, ao se conectar com o mar, “[...] a mais ininteligível das existências não humanas [...]”, passa por uma transformação, expressa em dois momentos distintos. Antes do banho, Clarice Lispector descreve a mulher com menos coragem, “[...] a mulher hesita porque sabe que vai entrar [...]”. Ainda ao mar, “[...] sabe o que quer [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 88-90). Os trechos escolhidos adquirem símbolos ligados à dinâmica da vida e à imagem do subconsciente, conforme análise de Chevalier e Gheerbrant (2009).

Antes de entrar na água, a personagem “[...] olha o mar [...]”, que “[...] só lhe é delimitado pela linha do horizonte [...]” (CLARICE, 1999, p. 88). Aqui, o mar transforma-se em oceano. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), o oceano simboliza da vida universal. Quando adquire tons oníricos, é possível relacioná-lo com lembranças de vidas passadas e inquietações do âmago do ser. Durante todo o conto, a dualidade do simbolismo do oceano fica implícita na possibilidade de evolução espiritual e na destruição, pelas forças da natureza, mas de forma metafórica, do destino da personagem.

A água foi exaltada, especialmente, pelo cristianismo para a religião cristã converteu a água como símbolo de purificação, de redenção da alma e marca de vida eterna[†]. No conto,

[†]A Bíblia registra momentos em que a água define situações importantes para o Cristianismo: o batismo é celebrado com a imersão do fiel em água (BÍBLIA, Mateus 3, 1-17); um dilúvio foi criado por Deus para purificar a Terra (BÍBLIA, Gênesis 6:9-8:22); Jesus associa a imagem simbólica de água a si mesmo ao prometer dar água viva, que na linguagem cristã é a vida celestial (BÍBLIA, João 4,10-13).

após entrar no mar, “[...] a mulher é agora uma compacta e uma leve e uma aguda [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 89).

O “mundo divino” (Girard, p. 31) está presente diretamente em “As Águas do Mar”, de Clarice Lispector, na citação da passagem bíblica em que Jesus Cristo paira sobre o mar. Lispector narra que a personagem do conto “[...] caminha dentro da água de volta à praia. Não está caminhando sobre as águas – ah nunca faria isso depois que há milênios já andaram sobre as águas – mas ninguém lhe tira isso: caminhar dentro das águas [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 90). A autora sublima, neste penúltimo parágrafo do conto, que purificação da protagonista não é milagrosa ou proveniente de ato dos deuses, mas de sua re-conexão com questões internas e externas da vida terrena.

Durante a leitura do conto, é perceptível que Clarice Lispector (1999) dota o mar com características humanas. Ele pode se entregar à mulher (p. 88), tem compreensão (p. 88), a gelidez se opõe à personagem “[...] e no entanto a deixa entrar, como no amor em que oposição pode ser um pedido” (p. 89) e “[...] o mar por dentro como o líquido espesso de um homem [...]” (p. 89).

Conforme Chevalier e Gheerbrant (2009) esta figuração é a analogia ao assumir uma forma humana, contudo, não impõe uma passagem de planos ou nova consciência. É apenas aquilo a que já se conhece, agora ocupado por uma nova perspectiva de interpretação.

O símbolo anuncia um outro plano de consciência, que não o da evidência racional; é a chave de um mistério, o único meio de se dizer aquilo que não pode ser apreendido de outra forma; ele jamais é explicado de modo definido e deve sempre ser decifrado de novo, do mesmo modo que uma partitura musical é decifrada definitivamente e exige uma execução sempre nova. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, XVI, apud CORI, 13)

O conto também mantém traços não-humanos. O mar é “[...] a mais ininteligível das existências não-humanas [...]”, “[...] mundo incognoscível [...]”, “[...] quente [...]”, “[...] vastidão [...]”, “[...] salgado e grande [...]”, “[...] salgada [...]”, “[...] maresia tonteante [...]”, “[...] frio [...]”, “[...] a água bate, volta, bate [...]”, “[...] opõe resistência puxando-a com força para trás [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 88-90).

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho tomou como premissa básica que a imagem poética tem repercussão em si mesma, no presente e na psique. O símbolo é um auxílio na explicação do mundo, pois

está presente em toda esfera da comunicação humana. Seja como elemento importante ritualístico ou como representação nas artes.

A literatura inquietante de Clarice Lispector foi importante peça para a fase brasileira da corrente estilística caracterizada pelos críticos como pós-modernismo. A relação dos personagens com o ambiente social e como esta tensão impacta é marca indelével nas obras da autora.

A escolha do conto “As águas do mar”, publicado em “Onde Estiveste de Noite?” (1999), justifica-se pela aproximação da imagem poética contida no texto de Lispector dos escritos acadêmicos de Chevalier e Gheerbrant, Bachelard, Cirlot e Girard.

Análise do conto “As águas do mar” permitiu extrair imagens simbólicas a partir de um instante na vida da mulher protagonista. A presença de elemento hídrico no título e no texto é essencial para compreensão do enredo. A água é elemento do passado, presente e futuro da personagem. Ela adquire símbolo de renovação e renascimento concomitante ao de incerteza e, assim, a mudança de perspectiva na personagem indica o surgimento de uma visão positiva da vida e novas experiências. A ideia de purificação após se banhar permeia o conto e indica forte influência religiosa e histórica.

O texto não teve como mote narrar a biografia da personagem central. Seu objetivo é focalizar um breve momento especial na vida da mulher para instigar a busca por um mistério da consciência humana. É elementar perceber que Lispector mais sugere do que explica. Por isso, é imprescindível a atuação do leitor. Ele vai construindo sentidos concomitantemente ao fazer a leitura do texto e essa dinâmica é importante para a construção da imagem, pois o autor cria o contexto a partir de seu âmago e o coloca, em forma de literatura, em um suporte e o leitor acessa os escritos e, ao mesmo tempo, o inconsciente de quem escreveu.

A resignificação por parte do leitor acontece quando a imagem poética construída ganha um significado de variados signos. O leitor percebe a imaginação do autor convidando-o a se desabilitar do modo rotineiro da vida e perceber a consciência repercutindo.

RESUMEN

El pensamiento simbólico es una presencia oculta en rituales, imágenes, artes, pues el símbolo tiene una universalidad contenida en una premisa simple: la unión del espíritu con la materia, es la manera encontrada para transmitir un conocimiento que reúne lo dicho con lo subentendido, secular con lo trascendente, pero de modo peculiar. El símbolo esconde algo. Es necesario una interpretación atenta para decodificarlo. El objetivo de este trabajo de conclusión de curso es analizar la imagen simbólica del agua en el cuento "Las aguas del mar", escrito por Clarice Lispector y presente en la colección "¿Dónde has estado de noche?". La interpretación se dará a

partir de las imágenes simbólicas generadas por el texto de Lispector es interpretada por el prisma fenomenológico, fundamentada en Bachelard (2008) y en los conceptos de símbolo fueron hechos por las lecturas de las obras de Chevalier y Gheerbrant (2009), Cirlot (2005) y Girard (2005). El análisis del cuento "Las aguas del mar" permitió extraer imágenes simbólicas a partir de un instante en la vida de la mujer protagonista. La presencia de elemento hídrico en el título y en el texto es esencial para la comprensión de la trama. El agua es elemento del pasado, presente y futuro del personaje. Ella adquiere símbolo de renovación y renacimiento concomitante al de incertidumbre y, así, el cambio de perspectiva en el personaje indica el surgimiento de una visión positiva de la vida y nuevas experiencias. La idea de purificación después de bañarse permea el cuento e indica fuerte influencia religiosa e histórica.

Palabras clave: Agua. Símbolo. Mujer.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CIRLOT, Juan – Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, XII-XLI. Editora Rocco. **Clarice Lispector**. Disponível em: rocco.com.br/especial/claricelispector/. Acesso em: 04/09/2017.
- GIRARD, Marc. **Os símbolos na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2005.
- HERÁCLITO. **Sobre a Natureza (fragmentos)**. Tradução: José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo, símbolo: na perspectiva de Carl G. Jung**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. **Onde estiveste de noite?** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- PATRICK, Julian (Org.). **501 grandes autores**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- ROSA, Maria Goulart. **O conto: da literatura à teoria literária, forma breve 1**, 2003. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/153/125>.
- SARMENTO, Leila Sauar; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2004.
- SHAKESPEARE, William. **Henrique VI**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: gir, 2008.
- UOL Educação. **Clarice Lispector**. Disponível em: educacao.uol.com.br/biografias/claricelispector.htm. Acesso em: 04/09/2017.

